



NAS BANCAS

RAQUEL DO CARMO SANTOS

Bióloga revê tratamento de bovinos com carrapaticida

Boophilus microplus é o carrapato que ataca os bovinos trazendo muitos prejuízos para o produtor. Estima-se que em 2002 o Brasil gastou aproximadamente US\$ 2 bilhões em produtos químicos para conter parasitas em geral, uma conta que fica maior quando incorporados

Método prevê teste periódico com troca do produto

os custos pela contaminação ambiental e alimentar, uma vez que os carrapaticidas podem deixar resíduos na carne e no leite e poluir o ambiente. Diante desse quadro, a bióloga Márcia Cristina Mendes preocupou-se com uma nova abordagem na aplicação de produtos químicos nas fazendas e desenvolveu um sistema de tratamento carrapaticida que, entre outras vantagens, permite monitorar a resistência do parasita aos produtos disponíveis no mercado.

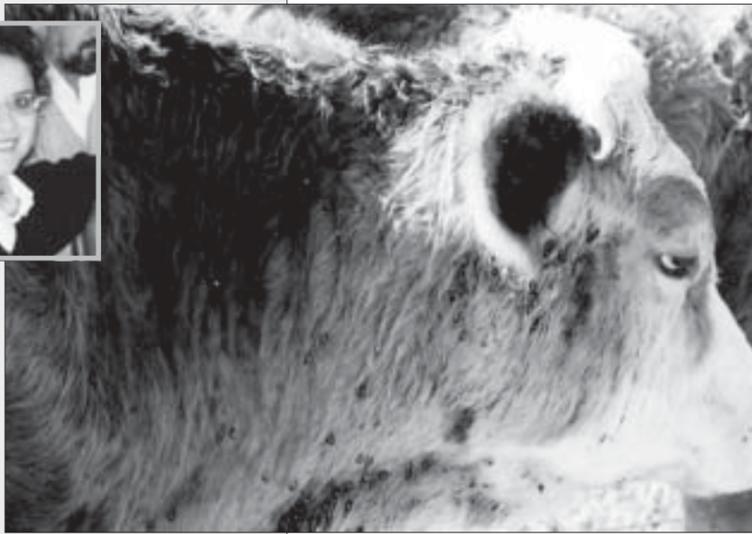
O estudo levou Márcia Mendes a se embrenhar por fazendas do Vale do Ribeira, Pindamonhangaba e Ibiúna, promovendo testes e bioensaios com fêmeas adultas e larvas do carrapato. Um levantamento sobre as práticas de controle adotadas nessas regiões permitiu que ela definisse os prazos mais indicados para a realização de testes – três meses no caso de fêmeas adultas e de seis meses em larvas –, com a conseqüente troca de carrapaticida. “Esses testes servem para ajudar o proprietário na avaliação da sensibilidade dos carrapatos a tais substâncias. A falta de conhecimento dos principais grupos químicos usados no controle, muitas vezes leva o criador a adquirir produtos semelhantes, que variam apenas no nome comercial. Isso faz com que a resistência do parasita aumente”, explica a bióloga.

A pesquisa resultou em tese de doutorado orientada pelo professor Ângelo Pires do Prado, do Instituto de Biologia. Márcia Mendes conclui que a alternância de produtos químicos mostrou-se um método eficaz para controlar as infestações. No caso de pequenas fazendas com menos de 100 animais, a bióloga aconselha a aplicação de carrapaticida naqueles que apresentam alta infestação da forma jovem do carrapato (partenóginas), a fim de reduzir a disseminação de larvas no campo.

Fotos: Divulgação



A bióloga Márcia Cristina Mendes: uso de carrapaticidas semelhantes aumentam resistência do parasita



Nos anos 90, queda salarial no setor público foi 36% menor que no privado

Ao longo dos anos 1990, permeados por crises econômicas no Brasil, o setor público sofreu menos defasagem salarial do que o setor privado. “Na verdade, os dois setores tiveram queda no rendimento, mas o setor privado, mais especificamente o de

Escolaridade e idade mais avançada influem no rendimento

serviços, esteve mais vulnerável com as desvalorizações do câmbio e a perda da estabilidade”, informa a economista Daniela Verzola Vaz. Em dissertação de mestrado intitulada *Rendimento em serviços nos anos 90: o contraste entre funcionários públicos e privados*, orientada pelo professor Rodolfo Hoffmann, a pesquisadora buscou comprovar as afirmações de que existem critérios diferentes de remuneração entre funcionários públicos e empregados em serviços do setor privado com carteira assinada.

A partir de comparações estatísticas, tomando como base os dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (Pnad), Daniela Vaz apurou que o rendimento médio no setor privado foi 36,4% inferior ao de funcionários públicos estatutários no período de 1992 a 2003. “Existem muitas discussões políticas sobre essa questão. Por isso, minha motivação foi constatar através de números o diferencial entre as duas categorias”, explica. Segundo ela, os principais trabalhos nesta área fazem comparações de gênero e raça e dificilmente abordam categorias semelhantes.

Por outro lado, a economista observou questões interessantes que poderiam justificar, em parte, a lacuna registrada entre os salários. O estudo demonstrou que os profissionais que atuam no serviço público têm maior nível de escolaridade e possuem idade média maior.



Foto: Antonio Scarpinetti

A economista Daniela Verzola Vaz: “Servidores públicos apresentam maior nível de escolaridade e são melhor remunerados”

No ano de 2003, a idade média dos servidores públicos era de 41 anos, enquanto que os empregados com carteira assinada tinham, em média, 33 anos. “Suponho que as pessoas maduras são mais experientes e, por isso, têm condições de assumir tarefas de maior complexidade”, explica. Outra questão a ressaltar se refere aos critérios utilizados pelo poder público para sanar as crises. “A opção neste setor foi por diminuir os cargos de suporte e promover servidores para formulação de políticas públicas ou atuação em áreas chamadas finalísticas, o que também explicaria os salários mais altos”, acrescenta.

No quesito escolaridade, os dados também se justificam. Empregados do setor privado possuem 9,41 anos de estudo contra 11,76 anos dos funcionários públicos. “O nível de escolaridade também ajuda a entender as taxas de retorno financeiro. Embora sejam ocupações semelhantes e com as mesmas características, o valor que se atribui para qualificação até nove anos no setor público é muito maior do que em ocupações do setor privado. Em contrapartida, profissionais com escolaridade superior a nove anos são melhor remunerados no setor privado”, conclui Daniela Vaz.

Proteína do abricó-de-praia apresenta efeito contra cárie

Uma pesquisa da Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), da Unicamp, avaliou o efeito das lectinas de duas plantas nacionais sobre bactérias presentes na placa bacteriana ou biofilme oral, especialmente em relação à cárie. As lectinas são proteí-

A planta que traz lectina é comum no norte do Estado do Rio

ínas encontradas em animais e vegetais, e há muitos anos têm sido objeto de estudos na área médica. Dentre suas funções biológicas já detectadas estão as antimicrobianas, inseticidas e fungicidas. Recentemente, duas lectinas inéditas extraídas de duas plantas foram purificadas por pesquisadores do Laboratório de Químicas de Proteínas da Unicamp e do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Elas são cientificamente denominadas *Talisia esculenta* – ou pitomba, como é conhecida no Norte e Nordeste – e *Labramia bojeri* – ou abricó-da-praia, encontrada com facilidade no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro.

A odontologista Mara Rubea Tinoco Rodrigues de Oliveira: “A idéia é conseguir remédios eficazes a baixo custo”



Foto: Divulgação

O estudo apontou que a proteína extraída do abricó-da-praia foi capaz de inibir a aderência das bactérias cariogênicas, ou seja, pode ser utilizada na forma preventiva. No caso da pitomba, não foi identificado nenhum tipo de efeito. Para a autora da pesquisa, a odontologista Mara Rubea Tinoco Rodrigues de Oliveira, o trabalho é pioneiro e merece ser aprofundado, pois as duas lectinas nunca haviam sido testadas em microrganismos da flora humana, em especial a oral. “Estudos como este são importantes para o domínio da saúde pública. A idéia é conseguir remédios eficazes a baixo custo, democratizando a oferta”, argumenta.

Mara Rubea de Oliveira afirma que apesar de o país possuir a maior farmácia viva do planeta, ainda está aquém de outros países em pesquisas nesta área. “Um grande passo é a preocupação do governo em formular a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares. Espero que seja mais um instrumento na busca por justiça social”, acrescenta. A pesquisa consta da dissertação de mestrado profissional em odontologia em saúde coletiva, sob o título *Avaliação in vitro do efeito de lectinas de sementes de Talisia esculenta e Labramia bojeri sobre o biofilme oral*, orientada pelo professor Francisco Carlos Groppo e co-orientada por Maria das Graças Machado Freire.